



## A SEDUÇÃO DO CAMINHO MAIS FÁCIL

O Espírito Santo conduz-nos ao mistério de Deus, ao amor de Deus. Faz-nos sentir, no nosso interior, que estamos salvos. Aconteça o que acontecer, estamos salvos. E esta é uma graça do Espírito. Na esperança, estamos salvos.

Ouvimos apenas que a esperança não desilude. Obviamente, devemos, contudo, continuar a caminhar no meio de milhares de problemas diários: problemas familiares, problemas de trabalho, problemas aqui, problemas ali... Temos de continuar a avançar, e este é o aspeto mais perigoso, no meio da sedução do diabo, que nos diz sempre: «Escolhe o caminho mais fácil.»

Em vez de percorrer o caminho, apresenta-nos o atalho, o percurso. Seduz-nos, quer roubar-nos a esperança, aquela que não desilude. Se o permitirem, sabem o que faz o demónio? Dá-nos palmadinhas nas costas. Diz-nos: «Não, por aqui. Não ligues, tens muito valor, anda cá, toma um pouco de dinheiro...» E o dinheiro, naturalmente, traz a vaidade, e a vaidade traz o orgulho. E depois, por esse caminho, ele é o rei. Dá-nos palmadinhas nas costas para que não alimentemos a esperança.

O Mar nunca se enche por completo, mesmo recebendo a grande massa de água dos rios, do mesmo modo que o desejo de riquezas do avaro nunca é saciado, antes o duplica e logo deseja quadruplicar, e nunca cessa esta multiplicação, até que a morte venha pôr fim a esta interminável ânsia.

O monge ajuizado velará pelas necessidades do corpo e suprirá com pão e água o estômago indigente, não adulará os ricos pelo prazer do ventre, nem sujeitará a sua mente livre a muitos senhores: de facto, as mãos são sempre suficientes para servir o corpo e satisfazer as necessidades naturais.

O monge rico goza devido aos muitos proventos, enquanto aquele que nada tem se regozija com os proventos que lhe venham das coisas bem feitas. O monge avaro trabalha duramente, enquanto o que nada possui usa o tempo para a oração e para a leitura. O monge avaro enche de ouro as divisões mais secretas, enquanto o que nada possui arrecada no Céu. Maldito seja aquele que cria o ídolo e o esconde, como aquele que é propenso à avareza: um de facto prostra-se diante do falso e do inútil, o outro traz em si a imagem da riqueza como um simulacro. (Evagrio Pontico, *Antirrethikos*, 8) (pp. 73-74)

## O PODER DAS TREVAS E A CULTURA DA MORTE



Sepultados com Ele no Baptismo, foi também com Ele que fostes ressuscitados, pela fé que tendes no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos. A vós, que estáveis mortos pelas vossas faltas e pela incircuncisão da vossa carne, Deus deu-vos a vida juntamente com Ele: perdoou-nos todas as nossas faltas, anulou o documento que, com os seus decretos, era contra nós; aboliu-o inteiramente, e cravou-o na cruz (Col 2, 12-14)

A abundância de vida que o Pai nos oferece na criação e na redenção em Jesus Cristo é completamente diferente da cultura da morte. Constatamos também que a imagem da Igreja é deformada e manipulada pela desinformação, pela difamação e pela calúnia, e que os pecados e os fracassos dos seus filhos são anunciados abertamente pelos meios de comunicação social como prova do facto de que aquela não teria nada de bom a oferecer. Para os meios de comunicação a santidade não é notícia, ao passo que o escândalo e o pecado sim. Quem pode lutar em pé de igualdade com tudo isto? Algum de nós poderá porventura ter a ilusão de fazer alguma coisa, com meios meramente humanos, com a armadura de Saulo? (cf. 1Sam 17, 38-39).

Atenção: a nossa luta não é contra os poderes humanos, mas contra o poder das trevas (cf. Ef 6, 12). Tal como aconteceu com Jesus (cf. Mt, 4, 1-11), Satanás irá persistentemente tentar seduzir-nos, desorientar-nos, oferecer-nos «alternativas percorriáveis». Não podemos permitir-nos o luxo de reagir com ingenuidade ou com suficiência. É verdade, temos de dialogar com todos, mas com a tentação não se dialoga. Nesse caso, podemos apenas refugiar-nos na força da Palavra de Deus como o Senhor no deserto e recorrer à oração suplicante: a oração da criança, do pobre e do simples; de quem, sabendo-se filho, pede ajuda ao Pai; a oração do humilde, do pobre privado de meios. Os humildes nada têm a perder; é precisamente a eles que é revelado o caminho (cf. Mt, 11,25-26). Far-nos-á bem dizer a nós mesmos que não é o momento para contagens, para o triunfo e para a colheita, que na nossa cultura o inimigo semeou discórdia no meio do cereal do Senhor, e que crescem uma ao lado do outro. Não está na altura de se resignar com isto, mas de se inclinar para apanhar as cinco pedras para a funda de David (cf. 1 Sam, 17, 40). Está na altura de orar.

A doutrina sobre o pecado original - ligada à da redenção por Cristo - proporciona uma visão de lúcido discernimento sobre a situação do homem e da sua ação neste mundo. Pelo pecado dos primeiros pais, o diabo adquiriu um certo domínio sobre o homem, embora este permanecesse livre. O pecado original traz consigo «a escravidão, sob o poder daquele que possuía o império da morte, isto é, do diabo». Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da ação social e dos

costumes.

Esta dramática situação do mundo, que «está todo sob o poder do maligno» (1Jo, 5, 19), transforma a vida do homem num combate:

«Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa toda a história dos homens. Tendo começado nas origens, há de durar - o Senhor no-lo disse - até ao último dia. Empenhado nesta batalha, o homem vê-se na necessidade de lutar sem descanso para aderir ao bem. Só através de grandes esforços é que, com a graça de Deus, consegue realizar a sua unidade interior.» (Catecismo da Igreja Católica, 407, 409) (pp. 75-77)